As contribuições da teoria da complexidade e da autopoiese para a Educomunicação¹

Toni André Scharlau VIEIRA²

RESUMO

Até aqui a área de Comunicação tem estabelecido uma grande aproximação com a área de Educação, resultando, inclusive, na proposição de uma nova perspectiva de estudos e atuação profissional, a Educomunicação. Os conteúdos produzidos dialogam, especialmente, com as produções do campo pedagógico e os debates que incluem questões curriculares e pensamentos já consagrados como os de Paulo Freire, Piaget, Ismar Oliveira Soares, Mário Kaplun, entre outros. Nesse texto a proposta é realizar um debate onde esses autores, apesar da reconhecida referência e inegável valor intelectual, não se colocam como as principais fontes de diálogo. O objetivo é aproximar a área de Comunicação do pensamento complexo de Edgar Morin e as propostas avançadas de novas teorias que sempre estiveram preocupadas em produzir interrelações com áreas tão diversas como a Física e o Taoísmo, caso de Fritjof Capra, ou a Biologia e a Educação, como se propõe Humberto Maturana Romesín. Assim, a partir de raciocínios comunicacionais que já buscam a interdisciplinaridade (no caso a professora Cremilda Medina), o presente texto se propõe a ampliar uma discussão que possa complexificar a chamada Educomunicação, trazendo para debate um aprofundamento de questões teóricas com áreas que também questionam os saberes compartimentalizados e propõem novos olhares sobre o assunto. O texto, portanto, é uma abertura de debate e uma propositura para que os pesquisadores possam contribuir com a discussão.

Palavras-chave: Educomunicação, Teoria da complexidade, Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

So far the area of communication has produced a great approach to the field of education, resulting even in proposing a new perspective studies and professional practice, the Educommunication. The content produced by dialogue here, especially with the productions of the pedagogical and curricular issues that include discussions and thoughts already established such as Paulo Freire, Piaget, Ismar Soares Oliveira, Mario Kaplun, among others. In this text, the proposal is a debate where these authors, despite the recognized reference and undeniable intellectual value, do not arise as the main sources of dialogue. The goal is to approximate the area of communication of complex thought Edgar Morin and the proposals for new theories that have always been concerned with producing interrelationships with areas as diverse as physics and

¹ Trabalho apresentado à quarta edição da Revista Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, publicação ligada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, da Universidade Federal do Paraná. E no IV Enpecom – Encontro de Pesquisa em Comunicação (UFPR, 2012).

² Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná, UFPR. Contato: toniandre@gmail.com.

Taoism, if Fritjof Capra, or Biology and Education, as proposes Humberto Maturana Romesín. So, from that reasoning communicational now seek interdisciplinarity (in case the teacher Cremilda Medina), this paper proposes to extend a discussion that can complexify the call Educommunication, bringing a deeper discussion of theoretical issues with areas also question the compartmentalized knowledge and propose new perspectives on the subject. The text, therefore, is an open debate and bringing so researchers can contribute to the discussion.

Keywords - Educommunication, complexity theory, Interdisciplinarity.

Introdução

Ainda que seja possível perceber diferenças teóricas entre as áreas de Comunicação e Educação, suas trajetórias aproximam-se bastante quando, na incapacidade de enfrentar a incerteza, elas apontam para o “método do pensamento analítico”, desenvolvido por René Descartes. Trata-se da técnica de separar os fenômenos complexos em pedaços e, a partir do estudo de uma parte, tentar compreender o todo. Assim, a maioria dos fundamentos dessas áreas foi fragmentada de forma genérica. Na maior parte dos estudos, a técnica que se consolidou para compreender os fenômenos complexos foi a de reduzi-los às partes que os constituem.

Descartes baseou sua concepção de natureza na divisão fundamental de dois domínios independentes e separados - o da mente e o da matéria. O universo material, incluindo os organismos vivos, era uma máquina para Descartes e poderia, em princípio, ser entendido completamente analisando-o em termos de suas menores partes (CAPRA, 1996, p. 35).

A partir da observação de Capra sobre as concepções de Descartes, é possível afirmar que, de certa forma os estudos no campo da Comunicação e da Educação comportaram-se cartesianamente. Os estudos trabalharam e consolidaram instrumentos que visam a oferecer certezas quase que absolutas, como a “matemática” idealizada por Descartes.

Embora alguns verbos estejam no pretérito, é bom lembrar que um significativo conjunto de ideias não só cartesianas, mas também da mecânica newtoniana continuam a influenciar os estudos nesses campos. Também deve ficar claro que muitas destas ideias estão presentes no raciocínio de autores contrários ao cartesianismo.

Um exemplo disso é a noção de separação entre o corpo e a mente (tão presente

no modelo cartesiano), onde “a mente pode ser perfeitamente explicada em termos de fenômenos cerebrais, deixando de lado o resto do organismo e o meio ambiente físico e social” (DAMASIO, 2004, p 281). Muitos pensadores tentaram (alguns ainda tentam) explicar o meio social a partir de partes deste. Ao se ocupar de uma parte, invariavelmente, perde-se a noção do todo e diminui-se a capacidade de realizar uma verdadeira análise sem parar na superfície.

Estas considerações não são feitas em termos de julgamento ou, indo além, de condenação. Este pequeno resumo tem como pretensão introduzir a noção tradicional de estudos nestes campos particulares das ciências Sociais e Humanas, ressaltando o modelo das oposições binárias. Não se tem a pretensão de explicar ou esmiuçar o assunto, mas propor o contraponto com as ideias da complexidade e da autopoiese, em especial.

No cenário contemporâneo das pesquisas em Comunicação e Educação, já se apresentaram alternativas que buscam trabalhar os fenômenos sociais destes campos com mais profundidade a partir de níveis de análise mais complexos. Nesse caso a proposta é fugir dos esquemas explicativos definitivos e dialogar com os saberes múltiplos que compõem a realidade simbólica da humanidade.

Se os meios se pretendem *quarto poder* fiscalizador, é questionável a atitude (até mesmo do ponto de vista da independência) de absorver, pura e simplesmente, conteúdos dos núcleos de poder sem contextualizá-los. Pelo simples fato de apor situação - oposição ou quaisquer outras dicotomias - a cobertura jornalística se mostra limitada.

Embora o discurso liberal clássico consagre a imprensa como quarto poder, o dia-a-dia da pauta denota um lugar *administrativo* em que os sentidos formulados pelas vozes de comando apenas são recondicionados pela linguagem jornalística e cada veículo procura dar seu estilo à cozinha da informação de estrita contemporaneidade. Peças de autor em que os sentidos são efetivamente *renovados* e *reestruturados* ocorrem com pouca frequência.³

Tocando no ponto nevrálgico da questão, Cremilda Medina aponta o comportamento nefasto dos veículos no que se refere ao relacionamento destes com os diversos níveis de poder. Longe de ser um quarto poder, neste caso, os meios colocam-

³ Cremilda MEDINA. 1998, op. cit. P. 41.

se como auxiliares dos que estão no **comando** ainda que, às vezes, sem o poder de comando do Estado.

Nas diversas vezes em que analisamos textos produzidos no âmbito do chamado jornalismo opinativo deparamos com casos de exageros de um lado e “excesso de proteção” de outro. Nas duas pontas é possível perceber a influência das *vozes de comando* de que fala Cremilda Medina.

Portanto, não há sentido discutir em profundidade a tradição mecânico-positivista ou cartesiana apenas para criticá-la. É bem mais produtivo investir nas possibilidades do conhecimento multidisciplinar e complexo. Na verdade, este passo coloca-se como um desafio, como propõe Cremilda Medina:

A complexidade em que o signo da comunicação acontece e o conflito das fontes geradoras de múltiplos significados desafiam o pesquisador para uma atitude menos arrogante de explicação e mais humilde de compreensão (MEDINA, 1998, p.27).

A autora deixa claro que os estudiosos da Comunicação Social, e do Jornalismo especialmente, não podem ignorar as lentas acumulações de saberes construídas na relação sociedade, cultura e mito (Idem, p.16). A autora critica a postura dos que pesquisam a partir de gramáticas conceituais que, além de fazer tábula rasa, propõem significados que reduzem a riqueza da produção simbólica e reforçam os conceitos conservadores. É lógico que os estudos do campo da educação também não estão longe desse tipo de pensamento, principalmente aqueles de natureza behaviorista, como os que imaginam o aprendizado a partir da chave “estímulo-resposta”.

Diante da necessidade de recusar as facilidades oferecidas pela tradição cartesiana e considerar as possibilidades de ampliar a compreensão do jovem campo da Educomunicação enquanto produtor de sentidos, é possível apoiar-se na perspectiva apontada pela epistemologia complexa, conceito desenvolvido por Edgar Morin após várias pesquisas. Ele propõe “uma concepção complexa da organização” baseada em noções de origem sistêmica, cibernética e auto-organizacional.

Todo conhecimento supõe, ao mesmo tempo, separação e comunicação. Por isso, as possibilidades e os limites do conhecimento originam-se do mesmo princípio: o que permite nosso conhecimento, limita nosso conhecimento e o que limita nosso conhecimento permite nosso conhecimento. O conhecimento do conhecimento permite reconhecer as fontes de incerteza do conhecimento e os limites da lógica dedutiva-identitária. O surgimento de

contradições e de antinomias em um desenvolvimento racional nos assinala as camadas profundas do real (MORIN. 1997, p. 201).

Para compreender as camadas profundas do real é preciso relacionar. A renúncia aos princípios mecânicos, cartesianos ou positivistas dá-se, principalmente, pelo desejo de assimilar conceitos diversos e aproximar formulações, ideias e informações momentaneamente compartimentadas.

A inconformidade com os conceitos pré-estabelecidos e a abertura para dialogar com os mais diversos campos do conhecimento é, muitas vezes, vista como uma ameaça que pode levar à dispersão. É correto, só que é melhor viver sob esta ameaça do que pesquisar à sombra dos maniqueísmos interpretativos. Isto porque, para grande parte dos pesquisadores, é impossível dar conta da riqueza que a produção de sentidos do campo da Educomunicação apresenta através de sensíveis e complexos processos simbólicos sem levar em conta a dimensão humana. E esta dimensão humana se faz notar não nos critérios absolutistas de produção industrial, mas no diálogo que se presencia entre o universo subjetivo do social e a sensibilidade do comunicador/educador.

Não se pode encarar, pois, a pesquisa em Educomunicação como algo cercado de neutralidade e objetividade, onde o objeto seria representado de forma concreta, deixando ver apenas a sua materialidade. Na produção de conhecimentos em Educomunicação não se pode estar preocupado em encontrar certezas; pelo contrário, é mais indicado buscar aberturas para que se compreenda a incompletude desta produção e, a partir disso, mantenha-se um diálogo constante entre o simples e o complexo.

Neste aspecto proponho uma orientação para este artigo muito próximo daquilo que Cremilda Medina chamou de “estratégia compreensiva”. Isto quer dizer que

um estudioso da produção complexa e incerta de sentidos precisa *criar* um locus de pesquisa que, de alguma forma, proporcione uma *experiência* de compreensão e *insight* (...) (MEDINA, 1998, p. 28).

A produção educamunicativa contemporânea só pode ser trabalhada e pesquisada a partir de uma experiência de compreensão e insights, é verdade. Uma das trilhas para percorrer as trajetórias desta produção complexa situa-se nas experiências de propostas multidisciplinares, como as apontadas por Fritjof Capra e, com mais ênfase, na teoria da complexidade apresentada por Edgar Morin.

Capra busca a riqueza dos diálogos com várias disciplinas na perspectiva da pluralidade de ideias e concepções. Percebe-se a trajetória deste físico austríaco, radicado nos Estados Unidos, em todas as suas obras publicadas no Brasil: “O Tao da Física”, “O Ponto de Mutação”, “Teia da Vida” e “As conexões ocultas”.

Muito próximas desta noção estão as teses dos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela. Trata-se da Teoria da Cognição de Santiago. Nela Maturana e Varela postulam que a cognição não é a representação de um mundo conhecido de antemão mas, ao contrário, ela é a própria criação de um mundo. Um dado organismo, dentro do processo de vida, não cria o mundo, mas sim um mundo. Este mundo criado está sempre dependendo da estrutura do organismo. Como os seres de uma mesma espécie possuem estruturas semelhantes, terminam por criar mundos semelhantes. Para Maturana e Varela, os seres humanos partilham um mundo abstrato de linguagem e de pensamento. Através deste mundo abstrato é criado um mundo coletivo, o “nosso mundo”.

A Comunicação e a Educação são produtores (talvez os principais nos grandes centros urbanos) da criação deste “nosso mundo”. O mundo abstrato da linguagem e do pensamento de que fala Maturana e Varela, certamente, tem como um dos elementos unificadores os serviços jornalísticos e educacionais.

Si estamos obligados a admitir que la cognición no se puede comprender sin *sentido común*, y que el sentido común no es otra cosa que nuestra *historia corporal y social*, la conclusión inevitable es que el conocedor y lo conocido, la mente y el mundo, se relacionan mediante una especificación mutua o un coorigen dependiente (VARELA et alli. 1992, p. 178).

Parte-se do pressuposto de que o sentido comum de que fala Varela é trabalhado tanto pela Educação como pela Comunicação, uma vez que esses campos são os principais artífices da nossa história corporal e social, construída coerentemente com os pressupostos da teoria da cognição, onde não se imaginam estruturas que existam objetivamente ou, como explicou Capra, “não há um território pré-dado do qual podemos fazer um mapa - a própria construção do mapa cria as características do território.” (CAPRA, 1996, p. 213) A vida (a pesquisa) deve ser encarada como um processo de conhecimento. Assim, pode-se atribuir à Comunicação e à Educação o conhecimento do nosso meio e, também, as analogias errôneas que mostram um mundo pré-dado e independente do observador.

Para Varela isto é praticamente impossível porque “a mente e o mundo surgem juntos”. Isto acontece a partir da interação dos indivíduos com o meio, sendo o meio entendido como o espaço no qual um sistema (de vida) opera como inteiro. O meio (o todo) tem uma dinâmica estrutural independente da dinâmica estrutural de cada um dos sistemas (as partes) que o constituem, embora seja modulado por seu encontro com eles. Desta forma, o meio e os sistemas que ele contém estão em mudanças estruturais contínuas, cada um de acordo com sua própria dinâmica estrutural.

A construção do mundo (ou dos mundos) surge a partir das mudanças estruturais que eles ativam em relação um ao outro. Nestas circunstâncias todos os sistemas que interagem com um sistema vivente constituem o seu meio. Em nós, seres humanos, a cultura na qual nós vivemos constitui o meio no qual nós somos percebidos como seres humanos. Nós seríamos transformados em nosso viver no curso da história de nossa cultura de acordo com a identidade humana que surge e é conservada naquela cultura. Mas, ao mesmo tempo, como seres humanos, nós somos seres reflexivos, que podem se dar conta do modo em que vivem. É neste *dar-se conta* que os meios de comunicação tentam interferir.

A teoria de Santiago, como ficaram conhecidas as produções de Varela e Maturana, coloca-se como diálogo e contraponto entre as análises de senso comum que envolvem a Educação e, de uma forma mais aguda, a Comunicação. A partir daí pode-se confrontar a superficialidade das teses industriais e administrativas ainda difundidas nas pesquisas sobre comunicação com as noções de cognição trabalhadas por Varela e Maturana.

A noção de teia apresentada por Capra também está inserida no esforço de aproximar uma teoria de ponta com as pesquisas sobre jornalismo. Ele propõe que, mesmo as redes que são organizacionalmente fechadas, estão abertas aos fluxos de energia e de recursos. Portanto, “suas estruturas são determinadas por suas histórias de mudanças estruturais; são inteligentes devido às dimensões cognitivas inerentes aos processos da vida” (CAPRA. 1996, p. 231).

Partindo da idéia de fluxos de energia abertos, é possível ampliar as possibilidades de aproximação e análise dos fenômenos comunicacionais e educacionais com teorias que apontem para além da superficialidade das teses industriais. O esforço de ampliação neste sentido vai permitir ou não um maior diálogo entre os saberes institucionalizados. A base para tanto será a teoria da complexidade de Edgar Morin.

Para trabalhar nesta perspectiva é necessário desenvolver as formulações a partir de macroconceitos e, com a humildade de um aprendiz que se propõe a perceber as coisas, respeitar o seu sentido de caráter multidimensional, presente em qualquer realidade. Quando apresenta os principais postulados da teoria da complexidade, Morin mostra-se um crítico das ideias totalizantes:

A doença da teoria está no doutrinismo e no dogmatismo, que fecham a teoria sobre ela própria e a petrificam. A patologia da razão é a racionalização que encerra o real num sistema de idéias coerente, mas parcial e unilateral, e que não sabe nem que uma parte do real é irracionalizável, nem que a racionalidade se encarrega de dialogar com o irracionalizável (MORIN, 1991, p. 20).

Esta ‘doença’, apontada pelo pensador francês, revela-se como uma prática cotidiana dos meios de comunicação e, em grande parte, dos ambientes educativos. O doutrinismo e o dogmatismo são quase que palavras de ordem da maioria dos espaços de produção nas áreas de Comunicação e Educação.

Ambos - doutrinismo e dogmatismo - estão ligados à noção de especialização, bem ao gosto cartesiano, que se disseminou na maioria das áreas do saber. Enquanto os principais cientistas das mais diversas áreas do conhecimento passam a duvidar das explicações gerais e das soluções estritamente setoriais e especialistas, as regras básicas de grande parte da Comunicação e da Educação seguem negando o pluralismo e as visões multifacetadas de mundo. Não se trata de um maquiavelismo mas sim de um atraso conceitual. Morin chama a atenção para este problema quando formula uma leitura para a ideia de complexidade:

O problema não está em que cada um perca a sua competência. Está em que desenvolva o suficiente para articular com outras competências que, ligadas em cadeia, formariam o anel completo e dinâmico, o anel do conhecimento do conhecimento (MORIN. s/d, p. 33).

As maiores dificuldades das pesquisas no campo da Educação, e principalmente da Comunicação, sempre estiveram ligadas à falta (por vezes é incapacidade mesmo) de articulação com outros saberes. Desde o mais simples entendimento a respeito de casos de erros na transcrição de falas especializadas (como um cientista, por exemplo – analisando o cotidiano da imprensa diária) até as problemáticas relações cotidianas entre os diversos públicos e os meios de comunicação e seu potencial educativo.

Isto ocorre, em grande parte, por não se considerar as possibilidades de interação entre o universo humano e o material. Pelo contrário, tudo é considerado produto e é prezado enquanto estiver inserido numa materialidade. Não se aposta no estudo, com profundidade, sobre o que se relaciona sistemicamente⁴ com a sociedade. Ao contrário de relacionar, investe-se para fragmentar.

Não se pode afirmar que isso é feito de modo a evitar o encontro de alternativas. Mas se pode identificar a adesão a um conjunto de paradigmas que já estão cristalizados em certos círculos de pesquisa. Mas também é possível perceber que há um forte movimento contrário ao tradicionalismo do conhecimento especializado.

A expansão da ciência não se faz graças ao positivismo da eficiência. É o contrário: trabalhar na prova é pesquisar e inventar o contra-exemplo, isto é, o ininteligível; trabalhar na argumentação é pesquisar o “paradoxo” e legitimá-lo com novas regras do jogo de raciocínio. Nos dois casos, a eficiência não é visada por si mesma, ela vem por acréscimo, por vezes tarde, quando os financiadores se interessam enfim pelo caso (LYOTARD, 1998, PP 99 e 100).

A avaliação de Lyotard cabe perfeitamente em uma análise sobre a área de Educomunicação. Como área não consagrada pela eficiência positivista, ela ainda carrega o peso por não ter sido legitimada dentro das regras do atual jogo de raciocínio.

Na sua mais recente obra publicada em português Maturana (já trabalhando com Ximena D'Avila Yáñez e depois da morte de Francisco Varela) volta a trabalhar com o conceito da autopoiese.

(...) operamos em nosso viver e em nosso explicar na confiança de que, quando incidimos ou atuamos sobre um sistema, o que ocorrerá neste será o resultado do operar do seu feito, isto é, de sua estrutura nesse instante. (MATURANA e D'AVILA, 2009, p. 260)

Romper com esse determinismo estrutural é uma das principais tarefas da Educomunicação. Já que, como afirma Maturana, “o peculiar do humano não está na manipulação, mas na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocionar” (MATURANA, 1998, p. 19).

⁴ Não vou aprofundar a definição sobre pensamento sistêmico. Em geral ele é identificado com a ideia de estudo dirigido das partes para o todo. O contrário da tradição cartesiana. O tema, ligado mais especialmente ao jornalismo, foi trabalhado por Edvaldo Pereira LIMA em El periodismo impreso y la teoría general de los sistemas: un modelo didáctico. México, Trillas, 1991. A prática de uma teoria sistêmica também foi trabalhada em forma de livro reportagem por Edvaldo Pereira LIMA em Colômbia Espelho América, São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1989 e Páginas Ampliadas, 1998.

A Educação e a Comunicação transformam-se, cada vez mais, nos espaços efetivamente possibilitadores de mudanças sociais. A primeira pela sua característica de formação regular e reveladora de “descobertas” e a segunda pela sua condição de construtora de apreensões das realidades e “mapa” para transitar no contemporâneo. Mas isso se entendermos a Educação como um valor significativo ou como resumiu Maturana:

Quero um mundo em que meus filhos cresçam como pessoas que se aceitam e se respeitam, aceitando e respeitando outros num espaço de convivência em que os outros os aceitam e respeitam a partir do aceitar-se e respeitar-se a si mesmos. Num espaço de convivência desse tipo, a negação do outro será sempre um erro detectável que se pode e se deseja corrigir. Como conseguir isso? É fácil: vivendo esse espaço de convivência (idem, p. 30).

Para quem estuda e atua no campo da chamada Educomunicação é fundamental entender essa relação entre a aceitação de si em um espaço de convivência e uma verdadeira educação. Para isso é necessário entender que os meios de comunicação são importantes na construção de valores ancorados no emocionar-se e no aceitar a si e ao outro como um legítimo outro na convivência. Sem isso os fenômenos sociais tendem a se constituir muito próximos da barbárie. Cabe aos comunicadores e educadores mostrar um caminho onde todos poderão olhar o que fazem, sem competir, buscando a harmonia fundamental, onde não destruir, não explorar, não abusar e não pretender dominar o mundo natural tornem-se ações de princípio, tanto da Educação como da Comunicação.

REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Cultrix, 1996.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes - emoção, razão e o cérebro humano.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno.** Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1988, pp. 99 e 100.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** 3^a. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. **Habitar humano – Em seis ensaios de biologia-cultural.** São Paulo: Palas Athena, 2009.

MEDINA, Cremilda. **Símbolos e narrativas – rodízio 97 na cobertura jornalística.** São Paulo: Secretaria de Estado do Meio Ambiente, 1998.

MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade.** Mira-Sintra (Portugal), Publicações Europa-América, sem data.

VARELA, Francisco J. et alli. **Las ciencias cognitivas y la experiencia humana.** Barcelona, Editorial Gedisa, 1992.